Chorinho para todos os ouvidos

Todo último sábado de cada mês, a Escola de Choro Raphael Rabello, do Clube do Choro de Brasília, promove uma roda para integração dos músicos e divulgação do estilo. E graças à iniciativa, diversos grupos de chorinho têm surgido na cidade. Aloysio (pandeiro), Nelsinho (cavaquinho), Bruno Henrique (saxofone), Gabriel (violão seis cordas) e Marcelo Rosário (violão sete cordas) formaram o Grupo Gargalhada, que tem se apresentado em diversos pontos da cidade, como na Quituart, no Lago Norte. "Vieram nos dizer que ninguém havia conseguido colocar todo mundo para dançar como a gente fez por lá", conta Aloysio, empolgado com o sucesso na missão de levar o chorinho a pessoas que pouco conhecem do estilo.

RODA DE CHORO

Todo último sábado de cada mês, a Escola de Choro Raphael Rabello realizada a Roda de Choro, de 10h às 12h, com entrada franca. O palco é o Clube do Choro, ao lado do Centro de Convenções Ulysses Guimarães, no Eixo Monumental. Mais informações pelo 225-2761.

O IMIGRANTE DO VIOLÃO

Marcelo Rosário (foto) tem apenas 17 anos. Para ele, é idade suficiente para saber o que quer da vida: estudar chorinho. Para isso, o jovem largou a família e os amigos em Salvador no início do ano passado e veio morar com uma prima em Brasília. Fez um teste e ingressou no nível avançado da Escola de Choro Raphael Rabello, que leva o nome do músico responsável pela paixão de Marcelo pelo estilo.

A família sempre o incentivou. Apesar dos pais não possuírem nenhuma formação musical, os três filhos são músicos. Marcelo é o do meio. Modesto, ele afirma que o irmão mais novo é o mais talentoso.

Marcelo toca violão de sete cordas e é o caçula do Grupo Gargalhada, formado por colegas da Escola de Choro. Cursando o terceiro ano do Ensino Médio, o baiano que adotou Brasília para se aprimorar em seu estilo, se decepciona com o que a grande maioria de seus companheiros de colégio gostam de ouvir. "Eles só ouvem o que toca nas FMs, o que passa na TV. Não procuram nada de MPB, nem de bossa-nova. É muita alienação!", indigna-se. Mesmo com o crescimento do número dos "chorões" na cidade, o público ainda não acompanhou.

Sobre o vestibular, as dúvidas comuns aos outros adolescentes não o afligem. Ele vai fazer Música. E quando conquistar o seu esperado diploma de músico universitário, já terá outro pendurado na parede: Marcelo aguarda ansiosamente o seu primeiro diploma da Escola de Choro, previsto para o fim desse ano. "Ser músico é uma profissão ingrata, mas não tem jeito. É isso que eu quero fazer a vida toda. Quem sabe eu ganho alguma coisa", vislumbra.